

Apontamentos do encontro dos finalistas com Davide Prospero e Matteo Severgnini

Sacro Cuore, Milão e por videoconferência de Itália, 31 de maio de 2023

Davide Prospero. Bem-vindos. Hoje estamos aqui para o encontro que fazemos todos os anos com os finalistas. É um momento importante da vossa vida, e, portanto, também da nossa, porque é importante aquilo que acontecerá convosco, quer por todo o caminho que fizemos juntos, quer por todo aquele que faremos, porque cada fim é também um início. Então, quando se acaba alguma coisa, é bom ajudarmo-nos a ajuizar aquilo que se viveu, para colocarmos todas as perguntas sobre aquilo que ainda não conhecemos, porque temos ainda tantas incógnitas, tantas perguntas, talvez dúvidas. Temos de ajudar-nos a olhar com verdade para aquilo que nasce no nosso coração diante do passo que estamos a viver, que estão a viver.

Em primeiro lugar, queremos apresentar-vos o padre Francesco, por duas razões: a primeira, é que é ele o responsável do CLU (Comunhão e Libertação Universitários), e, portanto, acompanha toda a realidade dos universitários. Muitos de vocês irão para a universidade, talvez não todos, e por isso irão reencontrar-se. Por isso também é uma coisa boa que tenham desde já a possibilidade de se conhecerem; a segunda razão, é que ele guiará a JMJ e a peregrinação que será feita a Lisboa. É um padre da Fraternidade São Carlos a quem eu pedi para se mudar para Milão.

Francesco Ferrari. Olá. Apresento-me, porque julgo que nunca nos encontrámos, se não me engano. Chamo-me Francesco, sou de Reggio Emilia e sou um padre da Fraternidade de São Carlos Borromeu. Viajei um bocado na vida: estive em missão no Canadá, em Santiago do Chile, nos últimos anos estive em Roma e depois o Davide, como ele vos dizia, em agosto passado pediu-me para vir para Milão para acompanhar o caminho dos universitários do movimento, coisa que faço com grande alegria e gratidão. É um caminho muito bonito que agradeço a Deus. Pediram-me para acompanhar a proposta do movimento de participar na Jornada Mundial da Juventude (Lisboa, 1-6 de agosto de 2023). Sei que muitos estão já inscritos, mas digo estas coisas também para quem ainda não esteja inscrito e queira fazê-lo, porque ainda há a possibilidade de o fazer. Porquê este gesto? Por que é que o fazemos? Desde há muitos anos que o movimento propõe aos finalistas do liceu e da universidade um momento de peregrinação para entregar a vida a Deus nesta fase de passagem tão delicada, tão bela e importante. Fase de passagem cheia de perguntas que, como espero, tenho a certeza, todos terão: O que vou fazer? O que vou ser? O que me espera? Qual é o desígnio sobre a minha vida? Como posso construir algo de grande, de belo, com a paixão que tenho, com o meu desejo de estudar aquela coisa, com o trabalho? É um momento para enfrentar todas estas perguntas, que afinal de contas se resumem, verdadeiramente, numa única coisa: o que sou chamado a tornar-me, a ser? A JMJ é uma oportunidade para as enfrentarmos juntos, para as colocarmos diante de Deus, no sentido de as confiarmos, de as entregarmos a Alguém, e de o fazermos juntos. Normalmente, faz-se uma peregrinação a Czestochowa, exceto nos anos em que o Papa chama os jovens à JMJ, se for factível, se for uma meta possível de alcançar.

Este ano, visto que o Papa fará a JMJ em Lisboa, qual é a ideia? Viver este momento de entrega num gesto concreto de pertença à Igreja, o que é muito bonito, porque nós podemos confiar a Deus a nossa vida, as perguntas, aquilo que somos, porque podemos confiá-las a uma companhia, a uma história concreta, que é a história da Igreja, a história da nossa amizade. O que faremos juntos? O nosso desejo é o de conseguirmos manter, além dos dias com o Papa em Lisboa, também momentos de entrega explícita a Nossa Senhora, num santuário. Serão dias exigentes, digo-o desde já, muito bonitos, mas muito exigentes. São 9 dias ao todo. Iremos de autocarro e faremos uma primeira etapa em Lourdes (estes momentos serão também para enfrentar as perguntas que temos). Dormiremos lá. Depois iremos para Lisboa onde estaremos 4 dias com o Papa, acompanhando o que ele fizer (cada dia haverá um gesto com ele). Em Lisboa, irão juntar-se a nós também os universitários e alguns finalistas de Espanha, de Portugal e da Polónia, e mais alguns grupinhos dispersos daqui e dali, da Alemanha e da

Áustria. Será bonito, seremos um milhar, também por isso bastante exigente, mas muito bonito. Depois dos dias em Lisboa, faremos uma peregrinação de um dia de caminho ao santuário de Fátima, no norte de Portugal, e dali regressaremos a Itália. Este é o programa. Foram muitos os que se inscreveram, cerca de 600. Decidimos criar uma lista de espera caso alguém ainda se quisesse inscrever. O que significa uma lista de espera? Que depois arranjaríamos maneira de ir todos, mas que temos de nos organizar; não é fácil, mas arranjaríamos maneira de o fazer.

Matteo Severgnini (Seve). Obrigado, Fra (padre Francesco). Eu sou o Seve, prazer. Não apresento o Davide porque ele já se apresentou. Eu queria introduzir este momento, esta assembleia, que me parece duma importância vital – o Fra também já o deu a entender, a respeito da proposta da JMJ –, porque é um momento especial e muito bonito, quer aquele que estão a viver, quer aquele que vos espera. Eu lembro-me de uma coisa, estou a lembrar-me de quando escolhi a faculdade na qual me inscrevi. Fui estudar filosofia e o desejo que me movia era a possibilidade de colocar-me diante da verdade que tinha encontrado durante os anos do liceu. Então fui ter com o meu pai, Cecco, todo contente porque tinha descoberto aquilo para que tinha sido feito, pelo menos para o futuro imediato, e disse-lhe: «Papá, já decidi então, vou fazer filosofia». Ele olhou para mim e disse-me, em dialeto: «Cus'è?». «Faço filosofia». «E sull'è?». «Vou estudar a verdade, porque o pensamento...». E então ele pôs-me uma mão no ombro e disse-me: «Amanhã ponho-te no trator, e faço-te eu perceber o que é a filosofia». Depois, quando viu que o meu coração pulsava verdadeiramente por aquela coisa, disse-me «Vai!». E eu estudei filosofia. E a partir dali descobri mais sobre mim mesmo, sobre a realidade e sobre a amizade que me ajudava a caminhar. Foi um desafio bellissimo. E, como eu dizia antes, foi um momento bellissimo, especialíssimo e bellissimo, porque me abriu a uma aventura. Se estiverem a ler *O sentido religioso*, ter-se-ão dado conta de que Giussani fala destas perguntas estruturais, que são a massa da nossa humanidade. E estas perguntas são despertadas pelo impacto com a realidade. Pois bem, para vocês a realidade torna-se tão rigorosa, que julgo que estão aqui todos com estas perguntas estruturais: que significado tem a minha vida? O que é que o bom Deus me chama a fazer? O que será de mim, de todo o meu desejo, de todos os meus talentos, de todas as minhas inclinações? O que será de mim? Então, hoje queremos ficar um bocadinho diante desta estrutura, desta massa humana que está a surgir em vocês. E fazemos este caminho ajudados pelo Davide. Vamos então partir. Haverá intervenções presenciais e intervenções de pessoas que estão ligadas, e que cumprimentamos. Os finalistas estão ligados de toda a Itália, estão todos ali a vibrar com as suas perguntas. Vamos então começar dando precedência aos que estão ligados.

Intervenção. *Olá a todos; queria dizer-te que também eu vou estudar Filosofia. Refleti um pouco, perguntando-me a que me chama o Mistério e que missão tenho na vida. Precisamente esta manhã, foi a última aula de religião na escola. No fim da manhã, o professor disse-nos: «Rapazes, este é o último sábado, a última aula». Os outros despediram-se dele e dirigiram-se para a saída, contentes por sair da escola depois de 5 horas de aulas e, aparentemente, não pareciam muito interessados naquilo que o professor tinha dito. Eu, pelo contrário, fiquei parado, com a mochila às costas, e não pude deixar de me comover diante dos belíssimos cinco anos passados com ele e, pensando no facto de que tudo estava a acabar, uma fase importante da minha vida estava a acabar. Agradei ao professor e, caminhando para o carro, voltei a pensar em todas estas coisas e chorava. Estava contentíssimo com as experiências belíssimas vividas e com aquilo que sou agora: um rapaz curioso e aberto à possibilidade de ser surpreendido pela realidade. Penso que é precisamente este o sentido da minha vida: dizer sim ao que me rodeia, a partir e das propostas de um amigo que quer falar, um serão a dançar ou a cantar, um abraço dos meus pais, em suma, qualquer coisa que me faça sentir amado e irreduzível. Estou constantemente em busca de alguma coisa que possa fazer-me viver para não sofrer passivamente as circunstâncias, arrastando-me à força para a frente. Tenho de responder às mil possibilidades de beleza e de bem que dão cor ao meu quotidiano. Ainda não é claro para mim qual é exatamente a minha missão. No entanto, estou em busca constante e o mistério da vida chama-me a procurá-la.*

Severgnini. Reajo imediatamente ao que tu disseste, porque descreve uma posição humana que é totalmente desejável. E parafraseando aquilo que estavas a dizer, vinha-me à cabeça o facto de que a posição humana que nos é sempre pedida, que uma pessoa deseja, e que sobretudo vocês, neste momento, percebem, é a de poder entrar na realidade com os olhos abertos e o coração escancarado. Olhos abertos e coração escancarado. Poder pedir para entrar na realidade com estes olhos curiosos, como ele dizia, e com este coração que, despertado pela realidade, dá por si a dizer “sim”. Impressionou-me porque ele dizia: «Penso que é precisamente este o sentido da minha vida: dizer sim ao que me rodeia, a partir e das propostas de um amigo que quer falar, um serão a dançar ou a cantar, um abraço dos meus pais, em suma, qualquer coisa que me faça sentir amado e irredutível. Estou constantemente em busca de alguma coisa que possa fazer-me viver para não sofrer passivamente as circunstâncias». Este é o desejo urgente de um coração que se desperta no impacto com a realidade. Desperta. É paradoxal. Vocês chegam num momento de conclusão, como ele diz, no fim de cinco anos. E no termo destes cinco anos, podem levar para casa a desilusão pelo fim de uma coisa, ou estarem gratos até às lágrimas, como ele dizia, por este tempo que o abriu à realidade, à busca de um significado, à urgência de um significado, a poder descobrir o conteúdo de si. E impressiona-me: tudo se torna ocasião. Neste seu testemunho isto é evidente, tudo se torna ocasião. Isto parece-me um ponto de abertura interessante.

Prosperi. Bem, eu sublinho outro aspeto que me impressionou naquilo que disse o nosso amigo, quando ao início se pergunta a que o chama o Mistério e que missão tem na vida. Aquilo que me surpreendeu foi esta posição. Qual é a minha missão na vida? Esta é já uma pergunta que não sei se muitos da vossa idade se farão nestes termos. Habitualmente, uma pessoa pergunta: «O que vou fazer? O que posso fazer para não ser “cilindrado” pela vida? O que posso fazer para estar certo de que, ao escolher uma coisa, não perco outras possibilidades mais bonitas?». Estas são as perguntas que surgem habitualmente. Se vocês saírem e perguntarem a vinte jovens da vossa idade, ao acaso: «Desculpa, mas se eu te fizer esta pergunta: “A que te chama o Mistério na vida?”, o que me respondes?». Experimentem. Haverá certamente alguns para quem estas palavras farão sentido, mas haverá seguramente outros, infelizmente, temo que a maioria, que vos dirão: «Mistério?! Qual mistério? O que é isso?». Porque para nos podermos perguntar: «A que me chama o Mistério na vida?», uma pessoa tem de ter feito experiência de que existe um Mistério que comanda a vida. E que este Mistério é uma coisa à qual podemos querer dar a vida. Mas para dar a vida ao Mistério (Mistério quer dizer que eu não o conheço até ao fundo, não posso conhecê-lo até ao fundo), uma pessoa deve fazer experiência de que este Mistério, este “tu” misterioso que entrou na minha vida, é um bem. É um bem, é uma possibilidade de bem para mim. E então, se nós estamos certos de que existe este Mistério, que este Mistério é um bem e é um bem para mim, é para mim, já não estamos sozinhos e por isso temos menos medo do futuro.

Severgnini. Continuamos com uma pergunta que diz respeito às circunstâncias inevitáveis que lemos no livro *A voz única do ideal*. «A circunstância inevitável é cem por cento, com certeza absoluta – diz Giussani – indicadora do caminho a percorrer. Portanto, não existe nada mais amigo, mais facilmente nosso amigo, do que a circunstância inevitável, do que o facto» (L. Giussani, in J. Carrón, *A voz única do ideal*, Paulus, Lisboa 2018, p. 25).

Intervenção. *Olá, eu queria fazer uma pergunta sobre o texto A voz única do ideal. Não consigo perceber a parte que fala da circunstância inevitável. Com o grupo de finalistas, conseguimos encontrar um exemplo: quando fomos ao Tríduo, ficámos bloqueados na autoestrada durante horas, e apesar de termos todas as razões para estarmos irritados, não estávamos. Eu, apesar deste exemplo, não consigo perceber como fazer para viver uma circunstância inevitável sem me irritar, aceitando-a. E além disso, não consigo perceber como viver com naturalidade, sem forçar a minha atitude.*

Prosperi. Noutro texto seu, don Giussani diz: «As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar são fator essencial e não secundário da nossa vocação, da missão a que nos chama» (*L'uomo e il suo*

destino, Marietti 1820, Génova 1999, p. 63), para que somos feitos, para perceber para que estamos no mundo. Com isto, não está a dizer que diante duma circunstância inevitável, que talvez não corra como nós queríamos, não nos devemos irritar. Não é isso que é dito. Podes até irritar-te. O problema é que, ainda assim, tens de a ter em conta. Ou seja, foste colocado diante de alguma coisa que não dominas, em que não mandas, que não podes dominar com as tuas forças. Estás de acordo?

Intervenção. *Sim.*

Prosperi. Então, diante disto, torna-se evidente que uma pessoa é colocada diante de uma alternativa: ou a realidade é minha inimiga, porque a circunstância está contra mim, pesa-me, ou há ainda alguma coisa que eu não percebo. Portanto, alguma coisa que me pede para aprofundar mais. O quê? Não apenas a circunstância, porque se tu estás parado na autoestrada, o problema não é que tenhas de aprofundar a questão da autoestrada, mas antes aprofundar o teu desejo, a finalidade pela qual estás ali. Porque se tu estás parado na autoestrada, e não podes seguir em frente, e fizeste todo o caminho (com dificuldade, para ires ao Tríduo) e ao longo da estrada há um acidente que te obriga a parar – eu também apanhei o acidente, saí com o carro, fiz um desvio. Mas vocês, com o autocarro, estavam mais à frente, infelizmente – e ficas ali. Então chegas à conclusão de que, ou é um engano – pelo que «foi tudo um engano: parti com as melhores intenções para fazer uma coisa boa, para mim, para a minha espiritualidade, etc., e estou aqui, parado na autoestrada. Então Deus não queria que eu chegasse a tempo de ouvir» – ou és obrigado a recordar-te, e, portanto, a perguntar-te, o que estás a fazer, por que razão estás ali, a que pergunta queres responder. Talvez estivesses a ir sem pensar muito no assunto. Porque, sim, parti por um motivo bom: vão os meus amigos, eu também vou, convidaram-me; ou porque das outras vezes foi bonito, aprendi alguma coisa, vamos lá ouvir... Mas ali uma pessoa é posta em crise, em dificuldade, é posta em discussão.

Portanto, primeira questão, as circunstâncias inevitáveis colocam-nos em discussão. Vejam, nós vivemos num tempo em que se querem ter todas as seguranças sem ter de fazer o trabalho para chegar a estas seguranças, ou seja, sem ter de passar através das dores, das feridas, das incompreensões, dos erros, de tudo aquilo que é preciso, na vida normal, para chegarmos a estar certos de alguma coisa. Pensa em quando te apaixonas por uma rapariga e queres ter já a certeza de que é aquela a certa, ou não: «Vai dizer-me que sim? Vai dizer-me que não?». Querias sabê-lo sem arriscar nada, sem ter de colocar em jogo, até ao fundo, tudo o que és, com o risco de errares, com o risco de seres corrigido. Ao passo que é precisamente através deste risco da nossa humanidade que se percebem melhor as coisas. As coisas mais importantes da vida não se percebem por evidência matemática. As coisas mais importantes da vida percebem-se por conhecimento afetivo, quero dizer, implicam um risco de nós mesmos, implicam uma aposta, implicam uma ligação, um pôr-se em jogo, um envolver-se. E o que há de mais importante na nossa vida do que o caminho para o nosso destino? Para poder seguir o caminho para o nosso destino é-nos pedido para arriscar alguma coisa. Aliás, no fundo, para arriscarmos tudo. E então, em que é que podemos arriscar? Com efeito, são inúmeras as coisas inevitáveis, por exemplo, uma doença.

A este propósito, conto um episódio: na semana passada, fui ter com os nossos amigos das zonas das cheias. Foi uma circunstância inevitável, aquela: aconteceu. No espaço de 35 segundos, houve pessoas que ficaram com a casa completamente cheia de água e de lama. 35 segundos, eh! Tens só tempo de subir, quando o há, ao andar de cima, a correr. E ali dás-te conta de que não é a circunstância, por mais trágica ou incompreensível, que te faz dizer que a realidade está certa ou está errada. Porque há qualquer coisa que tem a ver com a forma como tu olhas para a realidade, com que te deixar ir ou então tentas responder.

Lembro-me de quando estava a acabar a universidade – e assim chego ao fim daquilo que queria dizer, se acompanharam o meu raciocínio – e tinha de decidir o que fazer, era uma situação parecida com a vossa, e tinha várias possibilidades. Fiz Química, e tinha oportunidade de ir trabalhar numa empresa. Não me faltava nada, mas não tinha uma vida especialmente folgada, em suma, tinha alguma dificuldade em chegar ao fim do mês. Tive uma dificuldade louca em Química, uma faculdade duríssima, ainda que muito bonita. Sabia que os químicos, naquela altura, tinham o caminho facilitado, salários altos, bastava só escolher, vinham buscar-te. Mas quando falei disso com *don*

Giussani, ele disse-me que, na sua opinião, era boa ideia eu ficar na universidade e fazer um doutoramento de investigação. Naquela época, um doutoramento de investigação significava ser precário, ter de fazer um concurso. Além disso, eu não tinha um professor que me apoiasse, era extremamente difícil conseguir passar num concurso em que havia tanta competição, se não houvesse alguém que te apresentasse. Por isso não tinha grandes hipóteses, e ainda que corresse bem, significava para mim anos como precário, sem a segurança depois de poder prosseguir, além de ter o salário mais baixo de todos aqueles que se estavam a licenciar comigo. Então, tentei declinar elegantemente a sugestão: «Sabes, Gius, parece-me uma ótima ideia, aliás há um do meu curso que quer ficar na universidade, mas eu não, porque não tenho as qualidades necessárias». E ele disse-me: «Vá lá, pensa nisso». Para mim, este «pensa nisso» de Giussani, não sei explicar-lhes bem, foi uma circunstância inevitável, dado o tipo de relação que tinha nascido com ele. De vez em quando, mandava-me alguém perguntar-me se tinha decidido ficar na universidade, pelo que, afinal de contas, decidi tentar essa coisa. Mas decidi tentar apostando numa sugestão. Não é que Giussani me tivesse perseguido, aliás, na realidade, não me perguntou mais nada. Para poder passar no concurso, tive de estudar em seis meses tudo aquilo que não tinha estudado em cinco anos. Depois as coisas correram bem, mas eu não estava nada convencido. Apaixonei-me depois, começando a fazer este percurso. Uma vez, estava a acabar o doutoramento, vi-me em frente duma parede e lembro-me de dizer: «Está bem, agora que fiz o doutoramento posso fazer outra coisa». E chega-me um bilhete de *don* Giussani: «Grato pelo teu doutoramento. Em frente». Outra circunstância inevitável.

Ao longo do caminho, tive de enfrentar imensos obstáculos, imensas dificuldades, e não é que em tudo isso estivesse ali *don* Giussani, ou alguém por ele, a resolver-me os problemas ou a alisar-me o caminho, tive de ser eu a enfrentá-los. Tive de ser eu a enfrentar as circunstâncias, e fi-lo porque reconhecia que aquilo que estava a fazer era motivado, concretamente, por uma relação da qual eu estava certo. Percebia que Giussani me pedia aquilo por uma razão que ele achava útil, efetivamente ele dizia-me: «Neste momento, a universidade é um ambiente onde é importante estar presente, porque a cultura de hoje faz exatamente o oposto daquilo para que nós fomos educados; é preciso haver pessoas que vivam uma determinada experiência ali, onde os nossos jovens são educados». E então eu, que, pela minha índole, talvez não sentisse aquele apelo para a universidade, levei-o a sério. Mas levá-lo a sério significou enfrentar todos os problemas, significou fazer os percursos com as ferramentas que tinha, porque ele não era um químico, não sabia nada desta matéria. Tive de ser eu a arranjar pessoas que me ajudassem; em suma, tive de levar a sério este caminho, porque percebia que, para seguir verdadeiramente esta sugestão, tinha de levá-la a sério para mim, senão ia enlouquecer, a fazer as coisas só porque outro me dizia para as fazer. Tinha de conquistar as razões para mim próprio. Então vivi tudo isto perguntando-me a cada momento o que me era pedido, como vocês dizem, através das circunstâncias que me aconteciam, e ao responder, dei-me conta de que eram precisamente as circunstâncias que me ajudavam a perceber, dia após dia, situação após situação, aquilo a que era chamado.

Contei-vos isto para vos dizer que o nosso problema é que sentimos as circunstâncias que nos são dadas (que não somos nós a criar) como inevitáveis (quando são inevitáveis) ou como problemáticas, no sentido hostil do termo, porque não nos sentimos enviados por ninguém. Porque se tu fores «enviado» para uma determinada circunstância, enfrentas todas as dificuldades que existem consciente do facto de que estás a responder a alguém presente na tua vida. Não é que tu tenhas apenas o problema de superar a circunstância. E se a circunstância, a certo ponto, te sugere que deves mudar de caminho, então tu mudas, mas será a fidelidade a esta relação que te ajudará a percebê-lo. No meu caso, eu era enviado por uma pessoa, mas em última instância, nós somos sempre enviados por quem nos chama no seio da realidade. Este Tu que nos envia pode assumir o rosto de uma pessoa, de amigos, de uma intuição que tens, pela qual deves pedir ao Senhor para te iluminar para te ajudar a perceber melhor, e deves seguir os sinais. É assim: sobretudo quando as coisas não são claras e parecem muito contraditórias, é preciso estar mais atento aos sinais. Contaram-me, já o disse também falando com os amigos de Lugo, da Romagna, que uma vez *don* Giussani usou esta imagem: quando uma pessoa viagem no nevoeiro, para poder chegar ao destino sem colisões, tem de estar mais atento aos sinais

do que quando brilha o sol. Porquê? Porque há nevoeiro. Quando estás mais confuso, talvez vejas menos sinais, mas tens de te agarrar àqueles que vês. Ao passo que nós, tantas vezes, dizemos: há nevoeiro, vou parar. Lembro-me de uma vez que estava a voltar de Turim com o Giancarlo Cesana, eu estava a guiar e ia devagar porque havia um nevoeiro tal que não se via dois palmos à frente do nariz, e ele disse: «Encosta, tu não és bom no nevoeiro». Estava-se a ver que não, e para ele guiar com nevoeiro ou não era mais ou menos a mesma coisa, porque estava habituado a estar mais atento aos sinais. Pois bem, temos de nos ajudar a estar atentos aos sinais. As circunstâncias inevitáveis são sinais importantes, mas, como todos os sinais, colocam um problema: precisam de ser interpretadas.

Severgnini. Agora há duas perguntas que resumem muitos dos contributos que chegaram. E retomam uma passagem de no *A voz única do ideal*: um dos critérios para a escolha é o bem da sociedade, da Igreja, em suma, do Reino dos Céus.

Intervenção. *Em relação ao A voz única do ideal, quando li na secção sobre a vocação como escolha profissional, para nos localizarmos, na página 40: «“Como poderei eu dar-me com aquilo que sou, como poderei servir mais o todo, o reino, Cristo?”. Este é o único critério educativo da personalidade humana tal como a luz e a força do Espírito de Cristo a redimiram», estremeci, porque nunca pensei que devia escolher o meu caminho pensando no bem da sociedade e da Igreja. Aliás, para dizer a verdade, sempre pensei o contrário. Durante todo o dia, não parei de pensar naquilo. Depois, porém, lembrei-me duma coisa que me aconteceu na viagem de regresso do Tríduo, ou seja, que a realização da vida é dar glória a Deus e não a mim. Ouvi e cantei tantas vezes o Non nobis naquela viagem. Pergunto-me então: como se conjugam as duas coisas? Eu quero ser matemático, mas à Igreja neste momento, e, portanto, à glória de Deus, faz falta um matemático? Deveria fazer outra coisa, que talvez não me realize como ser matemático? É possível dar glória a Deus e ao mesmo tempo fazer aquilo que faço melhor, ou as duas coisas estão em contradição?*

Severgnini. Vamos ouvir outra intervenção.

Intervento. *Quando pela primeira vez ouvi os critérios propostos n’ A voz única do ideal, impressionou-me e questionou-me imenso o terceiro: as necessidades da sociedade (p. 40), ou melhor, «a necessidade da comunidade cristã». Assim que o ouvi, estava no 11º ano, estávamos ainda em situação de Covid, e tendo eu interesse pela anatomia, que estávamos a dar em ciências, pareceu-me a coisa mais evidente dizer: vou fazer medicina. Esta ideia, com o tempo, desvaneceu-se e voltei à minha intuição inicial, ou seja, a área artística, em concreto o design de interiores. Porém, pergunto-me muitas vezes como é que posso ajudar a necessidade do mundo e da Igreja, admitindo que percebi quais são, a decorar casas.*

Prosperi. Como eu disse depois da primeira intervenção, impressiona-me que vocês coloquem questões nestes termos, ou seja, que no horizonte do vosso interesse esteja o querer perceber qual é o bem do mundo e o bem da Igreja, porque isso não é de todo óbvio. Para vocês é mesmo assim? Dizem isso porque está escrito no livrinho, ou pensam mesmo nisso? Porque se pensam mesmo isso é uma coisa grande, e eu não tenho nenhum motivo para acreditar que não o pensam mesmo, porque senão não vinham aqui dizê-lo, suponho eu. É uma coisa grande porque normalmente uma pessoa tem na cabeça os seus interesses e pronto. Para ter isto como horizonte da vida, deve ter-nos acontecido uma coisa grande. Por isso, a primeira questão é tomar consciência a fundo desta coisa grande que aconteceu na nossa vida, porque nunca mais nos devemos afastar dela. Aconteça o que acontecer: que venham tempestades, temporais, mas nós, dali, daquela rocha, não nos devemos afastar.

Não é que a Igreja – não sei que ideia tu tens da Igreja, o que pensas que é “a Igreja” – ou o Papa te venha dizer que a matemática ou o *design* de interiores serve ou não serve, mas o facto de tu teres essa preocupação fará com que tu estudes de maneira diferente *design* ou matemática. Ou seja, a verdadeira questão é que tu não percas esta preocupação, não percas esta tensão, não percas este desejo de servir uma coisa grande, maior, de servir o todo. Por que é que Giussani usa esta expressão?

Por que é que no livrinho do Carrón que vocês leram está isto escrito? Para um olhar integral sobre o humano. Porque alguém que está mais à frente do que vocês, que viveu aquilo que vocês estão a viver, sabe – eu pelo meu lado, também vos posso dizer o mesmo – que muitas das coisas que se podem fazer, que se podem pensar, pelas quais gastamos tempo e energia, até dinheiro, no fim de contas convergem para uma única pergunta: tudo isto foi útil? Serviu para alguma coisa? Para que serve aquilo que faço, o modo como o faço, aquilo pelo que gasto as minhas energias e o meu tempo? Então, o motivo pelo qual Giussani diz isto, é porque sabe que se deve viver por um ideal grande, maior do que o perímetro dos nossos interesses, ou seja, por um ideal que é serviço ao todo, ao objetivo último, ao objetivo pelo qual todos vivem, mesmo aqueles que não se dão conta disso. Isto, com o tempo, faz crescer a certeza da utilidade da nossa vida. A modalidade com que isto se realiza (precisamente porque em nós existe, acima de tudo, um pedido para que a nossa vossa vida possa ser útil) deve ser uma disponibilidade ao modo com que Aquele que nos quer, onde nos põe, nos pedirá para realizar, para contribuir para a Sua obra. É acima de tudo a nossa disponibilidade, não devemos imaginar nós alguma coisa, excluir ou acrescentar nada.

O exemplo que dei antes, da minha experiência sobre a escolha do trabalho, foi o de uma disponibilidade a uma pessoa, mas pode ser uma disponibilidade que nasce através daquilo que tu escolhes, ser *designer* ou matemático. Não é indiferente se uma pessoa faz uma escolha com esta pergunta, porque, neste caso, naquilo que fará procurará não apenas obter um benefício para si, como ter tudo em conta, fazer o que fará para a glória de Deus. Assim, será diferente a forma como fará “aquela” coisa, será diferente a forma como tratará as pessoas, tudo será diferente.

Por isso, é acima de tudo uma abertura ao ideal da vida que nos coloca na posição, na postura humana de aderir ao que a Igreja, ou seja, o corpo de Cristo, ou seja esta companhia, nos pede. Depois, em qualquer caso, pode vir a pedir-te coisas concretas. Eu dei um exemplo, o Seve pode dar outros, porque a ele eu pedi que regressasse de África. Esteve em África durante dez anos e agora veio para aqui porque é preciso para outras coisas. Mas, atenção, não é que de hoje para amanhã uma pessoa acorde – nalguns casos isso acontece, mas normalmente não acontece assim – e viva serenamente, pacificamente, esta disponibilidade. É num caminho que nós aprendemos, dia após dia, numa relação contínua com esta presença – que se concretiza na nossa companhia, na vida da Igreja, no mundo, na vossa turma, no modo como são chamados a serem vocês mesmos por aquilo que aconteceu nas vossas vidas – que dia após dia esta disponibilidade se alimenta até se tornar uma disponibilidade total. Até que fica claro para uma pessoa, a dada altura, o que lhe é pedido naquele momento ou por toda a vida. Pensem naqueles que se vão fechar num mosteiro: só o fazem porque dia após dia, a uma dada altura, viram com clareza que aquela era a modalidade através da qual àquela rapariga, àquele rapaz, era pedida esta disponibilidade total. É a mesma coisa também para cada um de vocês, para cada um de nós. E então uma pessoa acaba num mosteiro, porque a ela lhe é pedido que reze por nós, para que nós possamos estar presentes no mundo de outra forma, e precisamente por isso precisamos de alguém que sustente o nosso quotidiano. Eu preciso de ser sustentado naquilo que me é pedido hoje por todos aqueles que conseguem fazer aquilo que eu, se calhar, não consigo fazer. A outro é pedido para ensinar matemática ou decorar a casa do vizinho, daquele que paga ou daquele que não paga, ou da vítima das cheias que precisa de refazer a casa. Em suma, viver pelo ideal, começar a viver pelo ideal agora, é o caminho através do qual nós aprendemos esta disponibilidade, através do qual Deus poderá fazer coisas grandes com a nossa vida.

Intervento. *Olá. Tenho duas coisas para dizer. Tenho medo de não passar no exame de medicina e por isso pergunto-me como é possível não pensar noutra faculdade só como recurso. Como é que faço para perceber mesmo que medicina não é o meu caminho, se não passar no exame? E, nesse caso, seria então uma circunstância contingente, ou não? A segunda pergunta tem a ver com texto na parte da vocação como estado de vida, onde diz que aquela pessoa serve para te abrir à totalidade do mistério. Isto interessa-me, mas a minha pergunta é: mas para te abrir assim ao Mistério tens obrigatoriamente de estar noivo?*

Prosperi. Noivo? Não, eu não estou noivo, sou casado. Julgo que ele também não está noivo, embora não seja casado. Vou dizer-te três coisas. A primeira é esta: se tu desejas uma coisa, deves empenhar-te verdadeiramente. Nós não somos fatalistas, não é que o Mistério aja sem que nós demos tudo de nós mesmos, ou seja, sem que nós arrisquemos verdadeiramente. Como eu dizia antes, as coisas percebem-se melhor, até quanto ao valor que têm para a nossa vida, quanto mais estivermos dispostos a arriscar para as obter. Portanto, tu deves fazer o exame de medicina, deves meter-te a estudar, deves procurar ajuda, deves encontrar todas as formas para o preparar o melhor possível, deves pedir ajuda se precisas de ajuda. Em suma, deves jogar todas as cartas. Primeira coisa. Porque é desta maneira que se percebe se as nossas perguntas são verdadeiras ou não. Uma pergunta verdadeira é uma pergunta que envolve toda a tua humanidade. Porque assim a resposta torna-te mais seguro, quer seja um sim, quer seja um não. Só assim ficas seguro, não tens a dúvida de não teres jogado verdadeiramente o jogo. Depois, é verdade, as coisas podem correr de uma maneira ou de outra.

E esta é a segunda coisa: conto-vos como é que escolhi a universidade. Devem saber que tenho uma grande paixão pelo alpinismo, pela escalada. Com efeito, agora estou a pôr-me em forma porque este ano queria tentar uma aventura. No ano de finalista, tinha metido na cabeça fazer, com um amigo meu, uma variante do cume do leão, em Cervino, e por isso tinha treinado o ano todo, também no inverno, para fazer esta escalada, porque para escalar acima dos 4 mil metros é preciso um treino adequado. Naquela época, eu tinha decidido fazer engenharia, por isso tinha estudado muito para o exame, porque então (agora não sei bem como é que é, ou seja, sei que ainda há o exame de engenharia) era muito, muito seletivo, e por isso tinha estudado imenso para o exame de admissão. O facto é que fui fazer a peregrinação a Czestochowa para pedir a Nossa Senhora para me iluminar, porque, entretanto, tinham-me surgido mil perguntas, mil dúvidas, tinha acontecido de tudo um pouco. Tinha tido uma namorada, tinha deixado a namorada, tinha arranjado outra, e por isso tinha uma grande confusão na cabeça. O que aconteceu? Fui a Czestochowa, era a JMJ com João Paulo II, por isso fizemos a peregrinação com o Papa. Regressado da peregrinação, estava pronto para a escalada, saíram as datas dos exames, que coincidiam com os únicos dias – de facto, as previsões davam três dias de bom tempo em agosto em Cervinia – nos quais se podia tentar a escalada; por isso tinha de decidir se fazia o exame ou se tentava a escalada e renunciava a todo o percurso de engenheiro que tinha imaginado para o resto da vida. Fui fazer a escalada, por isso, nada de exame de engenharia. E fiz química! E depois, a partir daí, aconteceram tantas coisas na minha vida graças às quais me encontro agora aqui a contar-vos estas coisas. O que quero dizer? Que sim, é preciso todo o teu empenho, mas depois, como eu dizia antes, é preciso também estar atento aos sinais. E os sinais, mais uma vez, implicam a nossa humanidade, aquilo que tu és. Nunca te obrigam. Por isso eu dizia antes que têm de ser interpretados, porque os sinais indicam, sugerem, mas ao mesmo tempo, és tu que tens de decidir o que queres seguir.

Terceiro aspeto, que diz também respeito ao exemplo que lhes dei: nós não devemos ter medo de que uma escolha errada nossa nos estrague a vida para sempre, porque isso é concebermo-nos sozinhos, isso quereria dizer que já não existe o ideal. Pensando dessa maneira, o ideal acaba por ser uma coisa pela qual, de forma abstrata, até estamos dispostos a dar heroicamente tempo, energias, mas depois, no concreto, só contam os nossos cálculos. Em vez disso, não, tu dás tudo e depois, a dada altura, as coisas esclarecem-se. Segues, vais errar, erraste, paciência, as coisas irão compor-se. E se depois não se puder voltar atrás, segue-se em frente pelo caminho que se tomou e assim poderão encontrar-se outros sinais. Porquê? Porque não estamos sozinhos! Se estivéssemos sozinhos, os nossos erros seriam uma condenação; mas não estamos sozinhos, por isso pode-se continuamente retomar, recomeçar, e através deste recomeçar contínuo o nosso caminho clarifica-se. Porque o caminho pode ser retilíneo ou pode ser cheio de curvas, mas o importante é chegar. A nós foi-nos dito: estás a caminho e há uma meta, porque a meta caminha contigo. O destino caminha contigo, não estás sozinho; o destino não é apenas o ponto de chegada e se falhares a saída, acabou-se. Caminha contigo, se errares a saída, podes sempre voltar a entrar. Esta é a certeza de que precisamos, porque isto torna-nos seguros do caminho. Há uma companhia que nos assegura isto, porque o destino se torna presente numa companhia à qual podemos sempre fazer perguntas, que nos pode sempre ajudar. Estás a ver

tudo confuso? Pergunta, pergunta aos mais velhos do que tu, pergunta aos teus amigos. Não imagines que estás sozinho, porque se fizeres as coisas sozinho, no fim o cálculo vencerá. E, pelo contrário, no seio de uma companhia que ama o teu destino, o teu bem, que quer que tu sejas feliz, aquilo que vence não é o cálculo, aquilo que vence é o bem para ti. Por isso arrisca tudo; e se não passares no exame, veremos. Se não passares no exame, não podes fazer medicina, isso é óbvio; não podes fazê-lo este ano, depois se verá. Mas vais passar, vá lá!

Severgnini. Fechamos com uma última pergunta, que é também um testemunho porque fala deste lançar-se no mundo como missão, como tu dizias, e também como amizade no mundo.

***Intervenção.** Olá. Há algumas semanas, os meus adultos da GS convidaram-nos para um encontro de apresentação do trabalho sobre O sentido religioso apresentado por um universitário, e impressionou-me muito ver, naquilo que ele dizia, ou seja, no método proposto por don Gius, o método ao qual fui sempre educada. Mas sobretudo, enquanto o ouvia, dizia para mim mesmo que ia contar aquilo a todos os meus colegas de turma, ou seja, aquele coração, aquele sentido religioso, que me parecia um termo um tanto absurdo, este coração de que fala é verdadeiramente o mesmo em todos os homens. Mas depois vou para a aula e parece-me que não interessa a ninguém a novidade que eu encontrei. Ou seja, nestes cinco anos recebi tanto da minha escola, sobretudo dos meus amigos da GS, com os quais, ao longo dos anos, cresceu uma amizade grande, precisamente porque nasceu nos corredores, ou seja, porque está presente fisicamente ali onde cada um de nós sente mais dificuldades. E a graça que recebi ao encontrá-los permite-me todos os dias ficar livre da minha performance, livre das notas e da ansiedade do desempenho. Porque todos os dias tenho rostos que me testemunham que sou amada. Apesar disso, precisamente graças ao que esta companhia me ensinou, nunca me bastou estar no intervalo, viver o intervalo, viver à tarde e tapar o nariz durante as seis horas de aula. E por isso pergunto-me muitas vezes: como é que pode uma amizade, como esta como os amigos da GS, ser verdadeira, se acaba por me fazer indiferente àqueles meus colegas de turma que são o meu dia-a-dia? Ou seja, como pode ser verdade aquilo que encontrei, se parece não interessar nada aos meus colegas? E como pode ser verdade, se depois vejo que uma colega minha está destruída pela ansiedade e não posso fazer nada para a ajudar? Agora que estou quase a acabar, escandaliza-me um bocadinho ainda não ter conseguido encontrar resposta para estas perguntas. Mas não posso deixar de reconhecer que estou diante de pessoas cuja história, que eu também encontrei, muda todos os dias a vida.*

Prosperi. Muito bem! Mesmo assim, diante do facto de que os outros não reconhecem isto, tu tens de te perguntar se isso te faz colocar em dúvida aquilo que é verdade para ti. Pelo que contaste, não é assim. E isso já não é pouco, porque quer dizer que há qualquer coisa que na nossa experiência começa a tornar-se uma certeza. Mas nós não devemos, por isso, deixar de desejar que Cristo seja conhecido por todos. Simplesmente, não devemos medir o facto de Cristo ser encontrado pela forma como nos respondem. A nós é-nos pedido para viver lealmente, profundamente, integralmente, de forma total, a experiência cristã. Aquilo que depois vier a acontecer na vida dos outros, é um mistério que tem a ver com a liberdade de cada um com Deus. Então, em que se joga a missão? Usamos esta palavra – missão não é apenas ir para África, como fez o Seve, ou vir de África para Itália, porque agora os missionários têm de vir para Itália de África – porque a missão começa naquilo que dizíamos antes, na consciência de sermos enviados para o seio da realidade. Não apenas de estarmos no seio da realidade, porque tens de ir à escola, tens de fazer as coisas, mas vais à escola, fazes as coisas com a consciência de que és enviado por alguém. E isso é diferente. Dizer que és enviado significa que foste escolhido, ou seja, que a tua vida tem um objetivo grande, que foste escolhido entre muitos, de alguma maneira preferido. Ainda naquele encontro com as vítimas das cheias, uma senhora perguntava-me: «Mas, em suma, eu estou a ali a limpar com a pá exatamente como os outros todos, tenho as mesmas perguntas que os outros todos, vêm os amigos que nos ajudam e ajudam os outros. Onde está a diferença em fazer uma experiência como a minha, ou seja, em ser cristã?». Está nesta consciência. Não é que não tenhas as perguntas que os outros têm, ou a raiva que os outros têm quando

passaste o dia a tirar lama de todo o lado, quando consegues tirá-la, ainda há lama na cozinha, e depois tentas limpar o vidro do duche, paras e desfazes-te e choras a tarde toda por causa disto, por uma explosão nervosa depois de teres passado o dia inteiro a limpar. E então? Não é que, se existe Jesus, então tu não choras, não te zangas, és um extraterrestre. Não é naquilo que se vê, mas na consciência de ser escolhido.

Tu falavas da *performance*, porque pensamos que a glória de Deus se vê no quanto somos capazes de realizá-la nós. Não, vê-se sobretudo em quanto estamos disponíveis, como dizíamos antes. Toda a história da salvação diz isto. Toda a história da Bíblia, de Abraão em diante, é uma história de «sins» ditos por um, por outro, para fazer uma coisa, para fazer outra coisa. É o motivo pelo qual nós estamos aqui hoje. É a história de Gedeão, de que falei várias vezes nos últimos dias em circunstâncias diferentes, porque esta pergunta surge sempre em todos os contextos. Vocês sabem quem é Gedeão? Não, não sabem. Não se estuda muito o Antigo Testamento. Em suma, são histórias interessantes. Gedeão era o mais novo do filho de Joás (cfr. *Jz* capítulos 6-8). Tinha havido um longo período de quarenta anos de paz e, a dada altura, chegam os pagãos, os madianitas, que adoravam os ídolos, os Baal, conquistam a terra de Israel e começa a opressão. Por isso, são anos e anos de opressão sobre eles. Então os israelitas dizem: «Mas, Senhor, onde está toda a paz e liberdade que nos tinhas prometido?». Então Deus escolhe este rapaz, Gedeão, numa das aldeias perdidas das várias tribos de Israel, para guiar o Seu povo. E Gedeão diz-lhe: «Mas como? O que posso eu fazer? Não sou nada, não sou ninguém. Se for ter com os israelitas das outras tribos, dir-me-ão, “Mas quem és tu?”». Deus responde-lhe: «Eu estou contigo». E então ele vai. O diálogo com Deus continua e Gedeão pede-lhe sinais. Nós muitas vezes não chegamos a pedir sinais. Paramos antes, dizemos: «Não, é impossível, ninguém me responde». Ele, pelo contrário, pede sinais concretos. E Deus contenta-o: por exemplo, manda um anjo que faz sair fogo da pedra sobre a qual tinha pousado carne e pão e coze-os. Gedeão ganha coragem e segue em frente. Quando Deus, a dada altura, lhe diz para reunir um exército para combater os opressores, Gedeão obedece: contam-se e são 32 mil, ao passo que os inimigos são 135 mil. E Deus diz-lhe: «São demasiado numerosos os homens que estão contigo [...]. Israel poderia gloriar-se à minha custa e dizer: “Foi a minha mão que me salvou”». Assim restam 10 mil, mas para Deus são ainda demais; no fim, só 300 seguem Gedeão. A história continua, leiam-na, é lindíssima. Gedeão vai. E vence. Então querem fazer dele rei, mas ele recusa, para que seja claro para o povo que a vitória não é sua: «Não reinarei sobre vós [...]: o Senhor é que será vosso rei». Começa o tempo dos juízes e durante quarenta anos haverá paz, etc. A história da salvação é toda assim. Jesus mandava os discípulos dizendo-lhes: «Vão, não se preocupem em levar o bastão, em estudar, ou com o que dizer ou fazer. Vão levar aquilo que tomou a vossa vida. Sejam vocês mesmos no meio do mundo». Bem, eu penso que aquilo que muda é a consciência que nós temos de termos sido escolhidos. Depois, façam aquilo que podem, e peçam. O Senhor fará. Basta.

Severgnini. Obrigado. Nós somos sempre enviados por Quem nos chama no seio da realidade. Muito obrigado, Davide.

Prosperi. Eu é que vos agradeço.

Severgnini. E obrigado pelo vosso testemunho e pela vossa urgência.

Prosperi. Muito bem, hem!

Severgnini. Obrigado a todos, também aos que estão ligados.